

# O professor na escola básica e a utilização de recursos de imagem no ensino de Sociologia: uma proposta PIBID

*Mariana Rost<sup>1</sup>*

## Resumo

A recente obrigatoriedade da disciplina de Sociologia no Ensino Médio aponta para a urgente elaboração de metodologias de ensino que sejam adequadas ao saber escolar e às diferentes visões de mundo dos alunos, a fim de que sejam apropriadamente instrumentalizados a compreender a complexidade das realidades sociais. Os recursos em imagem e vídeo são uma possibilidade a fim de desenvolver nos estudantes as potencialidades do pensar sociológico, despertando o olhar crítico e insatisfeito com o mundo que vê. Este artigo<sup>2</sup> objetiva apresentar a proposta e as diretrizes de atuação do grupo de Licenciatura em Ciências Sociais do PIBID da Unisinos no Colégio Estadual Dr. Wolfram Metzler em Novo Hamburgo - RS. A partir de trabalho etnográfico com alunos, o grupo buscou dialogar análises da realidade social urbana a partir da Sociologia e da Antropologia Visual com o contexto escolar, produzindo vídeos sobre temáticas relacionadas à composição dos grupos sociais no entorno da escola e as diversas relações sociais que lá se estabelecem, buscando uma maior qualificação do futuro professor, a formação continuada do professor em exercício e o estranhamento e a desnaturalização das realidades sociais por parte dos alunos. O desenvolvimento do projeto proporcionou uma aproximação da teoria com a prática por parte dos “pibidianos”, uma familiarização dos alunos da escola com a Sociologia e Antropologia Visual e um recurso a mais para as aulas de Sociologia, potencializando análises e discussões sobre a realidade social urbana.

**Palavras-Chave:** PIBID; Ensino de Sociologia no Ensino Médio; Sociologia visual; Antropologia Visual

## 1 Introdução

O professor atento às mudanças e às necessidades na vida social brasileira deve buscar o fortalecimento de uma posição de comprometimento com as atividades de ensino, pesquisa e transdisciplinaridade, de forma a alcançar uma educação transformadora da realidade, através da qual se diminuam as desigualdades no acesso aos bens materiais e simbólicos e se amplie a inclusão social e a participação cidadã.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (CAPES-PROSUP).

<sup>2</sup> Contribuíram para este artigo os colegas do PIBID Ciências Sociais Unisinos, 2012 - 2013, Angélica Nunes, Átila Alexius, Braian Aparecido de Almeida Gehlen, Leide Mailaine da Silva, Matheus Henrique Jung Nascimento e Viviane Flôres. Contribuiu ao texto, também, a professora supervisora Elisabeth Maria Backes Baccon.

Nesta conjuntura, o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – surge para promover projetos que aproximem os estudantes acadêmicos do contexto das escolas de educação básica da rede pública de ensino. A partir do desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura, os professores em formação tornam-se capazes de articular a teoria e a prática fundamentais a sua formação, elevando a qualidade das ações acadêmicas e tornando os professores titulares da escola protagonistas nos processos de formação inicial para o ensino (CAPES, 2013).

Este trabalho apresenta a proposta e as diretrizes de atuação do grupo de Licenciatura em Ciências Sociais do PIBID da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)<sup>3</sup>. Em atuação no Colégio Estadual Dr. Wolfram Metzler em Novo Hamburgo - RS, o grupo buscou articular análises da realidade social urbana a partir da Sociologia e da Antropologia Visual com o contexto escolar a fim de potencializar o planejamento e realização das aulas de Sociologia. Assim, produziram-se vídeos sobre temáticas relacionadas à composição dos grupos sociais no entorno da escola, as diversas relações sociais que lá se estabelecem e o seu patrimônio cultural, buscando uma maior qualificação do futuro professor e da formação continuada do professor em exercício na escola básica. Neste eixo, partindo de problemáticas concretas vivenciadas no cotidiano de sala de aula pelos professores, pelos alunos e pelos bolsistas PIBID, objetivou-se (1) incentivar a participação de todos os alunos para os estudos sobre os espaços nos quais estão inseridos e na discussão dos materiais trabalhados mediante oficinas; (2) oportunizar aos graduandos e aos alunos momentos de problematizações relacionadas ao tema de trabalho, a fim de elaborarem juntos planos, levantamento de dados, elaboração de relatórios e acervo de imagens; (3) realizar registros dos espaços sociais pesquisados, por meio de levantamentos etnográficos e pela elaboração de acervo de imagens (fotografias e vídeos); (4) participar da elaboração de vídeos; (5) realizar oficinas de imagens para possibilitar a ampliação do debate em torno das relações urbanas e das diferentes formas de atuação e de utilização de recursos audiovisuais nas aulas de Sociologia; (6) oportunizar debates que possam fazer emergir novos temas de estudo no cotidiano da escola (como violência, relações de gênero, mundo do trabalho, etc.), oportunizando novas problemáticas e novas possibilidades de investigação e atuação do professor de Sociologia; e (7) promover possibilidades de elaboração de novas propostas de atuação do professor de Sociologia a partir de avaliação periódica e debate.

---

<sup>3</sup> Os bolsistas do PIBID de Sociologia da Unisinos em atuação no Colégio Estadual Dr. Wolfram Metzler são Átila Alexius, Angélica Nunes, Braian Aparecido de Almeida Gehlen, Leide Mailaine da Silva, Mariana Rost, Mateus Henrique Jung Nascimento, Suélen Pinheiro Freire Acosta e Viviane Flôres. A supervisão do grupo é feita pela professora titular do colégio, Elisabeth Backes, e a coordenação é feita pelo coordenador do curso de Ciências Sociais da Unisinos, José Luiz Bica de Mélo.

## 2 A Sociologia e a Antropologia Visual no Ensino Médio

A Lei 9.394/96 determina como uma das finalidades basilares do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando a importância do ensino da Sociologia. A recente obrigatoriedade da disciplina – que deve dar conta, também, das principais questões conceituais e metodológicas das disciplinas de Antropologia e Política (BRASIL, 2000) – aponta para a urgente necessidade de elaboração de metodologias de ensino e aprendizagem que sejam adequadas ao saber escolar e aos diferentes contextos e visões de mundo dos alunos, a fim de que sejam apropriadamente instrumentalizados a decodificar a complexidade das realidades sociais.

Os recursos em imagem são uma possibilidade a fim de desenvolver nos estudantes as potencialidades do raciocínio sociológico e da imaginação sociológica. Para Mills (1969), a imaginação sociológica surge para aclarar a relação entre biografia e história, entre ação e estrutura. O educando deve, portanto, compreender as relações entre indivíduo, história e sociedade, através de suas problematizações e articulações. As análises de Bourdieu (1988) dialogam com a noção de imaginação sociológica de Mills: para o sociólogo, a principal característica e finalidade da Sociologia é despertar do estado de inocência e abandonar a condição na qual as realidades socialmente construídas são assumidas como inatas. Assim, as Ciências Sociais devem desconstruir o que se assume comumente como natural e que, portanto, não se questiona. Nesse sentido, os estudantes de Sociologia devem aprender que todas as esferas de suas existências são sempre construídas na problemática da vida social e da herança cultural.

As fotografias e documentários produzidos no PIBID em questão buscaram o estranhamento e a desnaturalização como uma referência no tocante à finalidade das aulas de Sociologia. A partir do diálogo entre temas, conceitos e teorias que são próprias das Ciências Sociais, é possível compartilhar com o aluno um pensar sociológico que lhe permita conduzir, no dia-a-dia, suas possibilidades de intervenção nos processos sociais, provocando o senso crítico e a vigilância intelectual.

Mirzoeff (2008) abre mão da noção de cultura visual para uma prática que estaria relacionada com os modos de ver, com as práticas de olhar e com os sentidos empregados pelo espectador. O teórico chama atenção para o fato de que a cultura visual não trata apenas de peças de arte, mas também dos fenômenos que são vivenciados pelas pessoas em suas próprias vidas. Dessa forma, é na trivialidade do cotidiano que reside o grande desafio em uma Sociologia ou em uma Antropologia Visual: uma vez que a sociedade contemporânea encontra-se dominada por uma vasta diversidade e

multiplicidade de imagens que se apresentam como naturais, há uma enorme tendência à sua banalização. Em outras palavras, em função da ampla estetização da vida, os sujeitos tendem a não perceber aquilo que veem; como aquele que observa, mas não conhece. A Sociologia e a Antropologia Visual desafiam, portanto, a encurtar a distância entre a experiência visual na cultura contemporânea e a habilidade para analisar as observações.

É preciso motivar os estudantes a exercitar as diversas formas de ver um mundo marcado por desigualdades e disputas de poder social, político, ideológico e econômico. Segundo Silva (2009, p. 222), citado por Moura (2010, p. 21),

Os artefatos visuais, como vídeo e fotografia, expressam uma necessidade de percepção que é interativa e demandam uma relação dialógica a partir da ação social do olhar. [...] O mundo contemporâneo tem como traço marcante a supervisualização de mensagens imagéticas, porém, paradoxalmente, somos cada vez mais incapazes de conhecer aquilo que exacerbadamente observamos.

A falta de capacidade de conhecer e sensibilizar-se por aquilo que vemos se deve muito à quantidade de mensagens visuais que recebemos, que acabam por “colonizar a consciência” (SILVA, 2009; apud MOURA, 2010). A compreensão sobre a importância de desenvolver nos estudantes uma consciência visual crítica sobre o que veem justificou a elaboração de um acervo de imagens e produção de documentário. Esses materiais buscaram discutir a forma como tendemos a apreender os espaços de sociabilidade e como as Ciências Sociais podem transformar nossas visões de mundo. Estes dois trabalhos centrais dividiram-se em duas abordagens para a Sociologia e Antropologia Visual: enquanto os alunos da escola em que o grupo PIBID desenvolveu suas atividades foram a alguns espaços populares no entorno da escola para atividade etnográfica cujas imagens e percepções culminariam no acervo de fotografias e documentário, o mesmo acervo e documentário seria utilizado posteriormente para aulas de Sociologia no Ensino Médio.

### **3 Etnografia do entorno da escola e elaboração de acervo de imagens**

A etnografia é por excelência o método utilizado pela Antropologia na coleta de dados. Consiste em uma densa descrição na qual o observador descreve o seu objeto de estudo em suas mais diversas particularidades, levando em conta os significados e significações dos fatos que cercam a sua vida social.

O ato de observar o outro dentro de seu contexto cultural e histórico requer o olhar atento daquele que observa, para se apreender o “não dito” que fica nas entrelinhas para posterior

interpretação. Para Geertz (2008, p. 4), a cultura é formada por construções simbólicas e “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” – isso é, o ser humano é um animal que vive preso a essa teia de significados por ele mesmo criada, a que ele chamou de cultura.

Deste modo, introduzir um ensaio etnográfico a alunos de Ensino Médio poderia ser uma exímia possibilidade de produzir algumas questões metodológicas na interpretação visual que eles teriam de três locais escolhidos para observação, onde as pessoas frequentadoras poderiam ou não estabelecer relações identitárias.

Ao trabalhar sobre a persistência que deve ser mantida nessa coleta de dados – mesmo que, nesse caso, com alunos em uma pequena experiência etnográfica – foi fundamental que ficássemos atentos para os desafios colocados ao observador:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (GEERTZ, 2008, p. 7)

Segundo Velho (1987), citado por Magnani (2003), por muito tempo a Antropologia esteve especialmente preocupada em estudar os povos primitivos, mas o ser humano contemporâneo é tão interessante quanto, visto que a vida e a cultura urbana são muito variadas. Ao se observar os locais urbanos, Magnani (ibidem) afirma que não é o conteúdo da cultura popular, do entretenimento ou do lazer que importam, mas os lugares onde são desfrutados, as relações que se instauram a partir deles e os contatos que são propiciados.

A temática urbana emerge com força como tema central nas Ciências Sociais no início do século XX, marcada especialmente pelo advento da Escola de Chicago nos anos 30, referência fundamental na transição paradigmática entre o estudo antropológico clássico, que buscava dar conta de um ser humano exótico fora do mundo ocidental, para o estudo da vida e da cultura da cidade do ser humano urbano, agora num contexto latente e mais próximo do pesquisador. Porém, longe de uma perspectiva romântica, o urbanismo, como fruto da modernidade, torna-se tema central dos estudos da Escola de Chicago especialmente a partir de suas contradições, tendo como objetos de investigação as práticas criminais, a prostituição, a segregação étnico-racial, a drogadição e outros temas que colocam em cheque os efeitos do capitalismo e do urbanismo na vida do ser humano nas sociedades ocidentais.

Um dos processos mais significativos introduzido por essa corrente de pensamento ocorre especialmente através de uma revisão metodológica do padrão europeu de fazer Ciências Sociais, até então fortemente influenciado pela pesquisa quantitativa baseada na abordagem tradicional das

Ciências Naturais, para uma abordagem qualitativa, caracterizada especialmente pela imersão do pesquisador no universo do sujeito estudado através da pesquisa participante, que vai desencadear um processo narrativo que possibilite a teorização do fenômeno em detrimento de um enquadramento numérico (BECKER, 1996). É o que ocorre, por exemplo, em “Sociedade de Esquina”, de William Foote Whyte (1971), um clássico da observação participante, onde o autor mergulha no universo das gangues de Rua de Boston. Através de uma narrativa envolvente a partir de uma interação profunda com o objeto, Foote Whyte demonstra que, diferentemente do que supunha a classe dominante da época, aqueles grupos sociais marginalizados possuíam uma estrutura social própria, com organização e hierarquia própria, determinadas por uma interação simbólica entre os sujeitos e outros diversos fenômenos que o autor se debruça em explicar no seu processo teórico/narrativo.

É nessa perspectiva de interação com o objeto de estudo e de mergulho na trajetória individual dos sujeitos que compõe o universo em questão (a disputa pelo espaço público, por exemplo), que se torna fundamental a ida do aluno de Sociologia do Ensino Médio a campo para a produção etnográfica no contexto urbano, de modo a romper com estigmas típicos das salas de aula.

A proposta de se desenvolver um estudo através da obtenção de imagens dos arredores da escola foi concebida em três momentos que despertaram diversos saberes. O primeiro foi desenvolvido no shopping center da cidade, um dos pontos mais movimentados e que, por se tratar de um local privado, oferece um ambiente supostamente confortável e seguro, banhado por uma ideologia voltada ao consumo. No entanto, várias percepções a partir disso desencadearam diversas discussões, como “até que ponto a suposta segurança é também vigiada?”, “quem são os atores e seus papéis sociais dentro desse espaço?” ou ainda “como o consumo se torna alienante?”

A Praça 20 de Setembro, lugar do segundo momento de trabalho, também localizada no centro da cidade, é local de passagem e de grande identificação social, até mesmo pela representação histórica dentro de Novo Hamburgo. Local arborizado e cercado pelo desenvolvimento urbano, com bancos e serviços em seu entorno, possui um espaço limpo e bem cuidado. As pessoas que lá circulam possuem vários motivos para nele estarem ou passarem, o que levou os alunos a trabalharem questões relacionadas aos não lugares e aos lugares antropológicos.

Os questionamentos oriundos das entrevistas, observações e coleta de imagens na Praça 20 de Setembro ampliaram-se quando os alunos foram ao terceiro ponto de observação que é conhecido como a Praça da Dimello ou a Praça do Skate.

A Praça da Dimello traduz a falta de investimento em manutenção e limpeza, exatamente sob a ótica do que significa o público e sobre a atenção dada à grande coletividade que faz uso daquele

lugar de maneira informal. Deste modo, os ocupantes que fazem uso da pista de skate estabelecem relações entre si na divisão do espaço, que é visto como de abandono e não tão familiar devido à marginalização estabelecida pela negligência dos agentes públicos.

De repente, os alunos estavam espalhados por esses locais em várias idas e vindas. Cada detalhe era percorrido pelo olhar atento de cada um deles. Eles fotografavam e, embora olhassem atentamente para os mesmos contextos, diferentes traduções de análise emergiam de cada um deles a depender de seu foco de observação.

Observar e entrevistar pessoas provocou mudanças significativas nos estudantes em relação aos diversos sujeitos e seus papéis sociais. Cada cena seria desconstruída para depois ser recriada no imaginário do grupo através da interpretação de cada um. Alguns deles, com o tempo, desenvolveram um olhar muito criterioso e passaram a fotografar além de suas primeiras impressões: o lixo na Praça da Dimello, por exemplo, passou a refletir a situação de abandono político e social percebidos no local.

Durante o desenvolvimento do projeto, várias oficinas foram incorporadas para que os alunos passassem a relacionar os espaços urbanos entre si, discutir as próprias leituras desses lugares e buscar referências nas Ciências Sociais sobre as temáticas em debate.

O olhar etnográfico sobre os arredores da escola possibilitou melhor interpretação do aluno acerca de todo o movimento urbano. Em cada um desses locais estudados, como em tantos outros a nossa volta, existem relações que se estruturam em vários contextos sociais e que, se observados atentamente, desdobram-se de forma extraordinária.

#### **4 Produção do documentário**

A partir dos ensaios etnográficos dos alunos e do amplo acervo fotográfico produzido por eles, bem como as oficinas dedicadas a debates e articulações com conceitos e teorias próprias das Ciências Sociais, o grupo de bolsistas organizou-se para a produção do documentário. As atividades relacionadas a esta etapa do projeto contaram com discussões com os alunos participantes, de forma que eles pudessem perceber suas atividades no produto final que reuniria todas as instâncias do trabalho.

O documentário foi dividido em três vídeos independentes entre si: no primeiro, traríamos as experiências oriundas das observações, entrevistas, discussões e revisões de literatura sobre o shopping center. No segundo, faríamos o mesmo, mas com foco às atividades relacionadas à Praça 20 de

Setembro. Por último, nos dedicaríamos da mesma forma à Praça da Dimello. A organização dos vídeos foi pensada levando em consideração os diferentes debates que cada lugar poderia despertar e os diversos conteúdos em Sociologia que poderiam emergir de cada um deles, de forma que o professor, ao utilizá-los em sala de aula, tivesse maior flexibilidade de tempo e maior facilidade de adequar o material aos conteúdos necessários à formação escolar do aluno. Buscamos iniciar a série de vídeos pelo shopping center e encerrá-los na Praça da Dimello a fim de revisar a orientação mais comum dos olhos de quem vê sem olhar para construir uma perspectiva ampliada sobre as realidades sociais características do espaço urbano. Como sugere Rouanet (1990), é preciso que abandonemos a visão parcial que somos condicionados a lançar sobre o mundo e incorporem uma visibilidade irrestrita, percebendo não apenas o que se oferece imediatamente à percepção, mas também o que nos escapa. Assim, o espaço e o tempo do shopping center, bem como as sociabilidades e identidades construídas nele, ilustram o mundo que somos preparados a assistir e assumir como real e ideal; a Praça da Dimello, em oposição, exemplificaria o mundo que é ignorado e esquecido. A organização dos vídeos, portanto, serve à ampliação das competências do olhar.

Os vídeos seriam orientados por um roteiro escrito previamente, sobrepostos às fotos tiradas pelos alunos e imagens relacionadas e articulados com as entrevistas feitas por eles e pela equipe de bolsistas. Ao final do vídeo, haveria questões para debate que norteariam atividades de aula baseadas nos conteúdos explorados pelos documentários, bem como sugestões de leitura aos professores e aos alunos interessados em expandir as temáticas a depender do contexto da comunidade escolar e das falas dos alunos. Por fim, os três vídeos estariam disponíveis online, com suas temáticas específicas em Sociologia alocadas na descrição dos mesmos.

#### **4.1 Os shopping centers: consumismo, segregação social, identidades e controle social**

Pensar a narrativa para a parte do documentário que trataria dos shopping centers para o contexto escolar pareceu serviço urgente: a medida que estes espaços se generalizaram pelo país, tomando conta de todos os cantos das cidades, também se tornaram locais de sociabilidade – onde as pessoas vão para passear, conversar, comer e se divertir nos cinemas ou nos playgrounds. A relação entre o shopping e a escola se estreita ao que os estudantes passam a frequentá-lo antes ou depois do turno escolar, encontrando uns aos outros nele com tanta frequência que acabam fazendo do espaço um segundo lar. Parece necessário, assim, provocar os jovens com relação às suas escolhas: por que

eles iriam para o shopping e não a outro lugar? De que forma o tempo que passam lá insere esses espaços no processo de construção de suas identidades?

De acordo com Silva (2009), há identidades que se compõem na realidade dos shoppings – e isso é muito comum na adolescência. Uma das razões pelas quais isso acontece se deve ao fato de que o shopping center compõe um espaço de modernidade: é como se o shopping fosse um bairro recente -- sem passado, muitos jovens identificam-se com ele por um tipo de afinidade que passa pela situação deles. De acordo com o autor, a popularidade dos shoppings também se deve a fatores relacionados ao campo da segurança pública – ou melhor, da falta dela. O espaço dos shopping centers se tornam lugares que oferecem senão a segurança propriamente dita, certamente a sensação de segurança. De fato: em uma das entrevistas selecionadas para o documentário, o entrevistado condiciona sua escolha de frequentar o shopping center em detrimento dos espaços públicos em função da suposta segurança proporcionada pelo lugar.

Ainda de acordo com Silva (ibidem), sob muitos aspectos, a organização espacial do shopping sugere uma cidade artificial: seus caminhos internos assemelham-se a ruas cobertas, encerradas numa película protetora que isola de todo o desconforto. Tal artificialidade e a clara organização desses espaços em uma multifuncionalidade é que acabam sugerindo codificações quase do tipo ficção. Assim, o shopping seria como uma antecipação da fisionomia futura do meio urbano – que nada sente, aparentemente, pela perda do contato com elementos da natureza e da cultura urbana tradicional, implícita nessa previsão. Há ainda outro aspecto a respeito dessa troca de bens naturais por bens artificiais:

Em uma sociedade que apresenta uma dificuldade marcante e visível para o amadurecimento, ou seja, a todo instante as pessoas querem voltar para o conforto da vida antes do nascimento. Assim, os shopping centers como espaços isolados e confortáveis são como um "retorno ao útero materno", com vantagens, por ser repletos de outras pessoas e apresentar a possibilidade de fazer compras. (SILVA, 2009, p. 154)

Além da artificialidade mencionada, uma outra vem agregar-se a ela e contribui para a construção da identidade da juventude, que predominantemente frequenta o espaço: os espelhos.

Distribuindo-se através das fachadas das lojas, são também usados em suas decorações internas, ampliando os espaços e aumentando a luminosidade, fortalecendo o clima de “festa” permanente que lá dentro todos sentem. Além da duplicação espacial, os espelhos proporcionam um retorno de imagem ao indivíduo, que nesse “rever-se” a cada passo, vai recebendo uma confirmação da imagem que eventualmente assuma lá dentro. [...] A função do espelho, inclusive, não é apenas a reflexão da aparência exterior da pessoa. Os espelhos [...] refletem a imagem da pessoa naquele ambiente, num processo pelo qual o indivíduo incorpora a si as qualidades, a positividade do lugar. (ROSSARI, 1992, p. 120; *apud* SILVA, 2009, p. 154).

Dessa forma, os espelhos do shopping são como os espelhos de Alice no País das Maravilhas: o espelho desempenha um papel de fronteira entre dois mundos – um deles tristonho e cinzento e o outro, no qual a magia, as cores, as luzes e a suposta liberdade predominam. Nesse sentido, um mundo de espelhos promete uma passagem para o mundo da magia.

Como se depreende da realidade do nosso dia a dia, o caráter do consumo na sociedade capitalista atual é um dos fatores de suporte para o desenvolvimento dos shoppings, lugares atraentes do ponto de vista arquitetônico e onde não existem problemas sociais, ao menos aparentemente. Os alunos foram capazes de perceber, portanto, que no momento em que limitamos nossos espaços às paredes de shopping centers e supermercados, estamos também ignorando a realidade de outros lugares – e assim registrou-se no documentário.

Numa sociedade tornada competitiva pelos valores que assumiu como dogmas, o consumo é um verdadeiro ópio, cujos templos modernos são os shopping centers e os supermercados, construídos à semelhança de catedrais. O poder de consumo é contagiante, e sua capacidade de alienação é tão gritante que a sua exclusão condiciona as pessoas à alienação. Daí sua força e a perversão de seu poder na sociedade atual. Dessa forma, embora o espaço do shopping tenha se tornado, também, um espaço de sociabilidade, é ilusão acreditar que todos podem ir e vir dele e que temos liberdade de nos socializarmos plenamente lá. De onde vem a sensação de segurança que tão comumente se sente em seus corredores? A que ou a quem esta segurança serve? Por que será que não nos sentimos da mesma forma em outros espaços?

Os alunos foram apanhados por tais questionamentos quando, ao que foram entrevistar frequentadores do shopping conjuntamente com os bolsistas, foram repreendidos por um segurança do local, que disse ter recebido reclamações de um dos entrevistados. Por acaso, porém, ele apontava justamente o entrevistado que havia voluntariamente se oferecido para dar a entrevista. Apesar da suspeita, um dos bolsistas questionou: “curioso como os clientes supostamente se incomodam com a nossa câmera, mas parecem indiferentes com as câmeras do local que os filmam por tempo integral”.

Aparentemente, a segurança dos shopping centers serve ao produto a ser consumido lá dentro e se dedicará às pessoas que lá estão na medida que se mostrem consumidoras. Nossa socialização em shopping centers é, assim, negativamente alterada de duas maneiras: a primeira é a inviabilização do contato entre pessoas de diferentes estratos sociais devido à seletividade desse tipo de ambiente – a sociedade é, assim, repartida entre os indivíduos que consomem e aqueles que não consomem, marginalizados pela ordem social capitalista. A segunda, decorrente da primeira, é a instituição de uma segregação social, o que leva à fragilização das redes de relações sociais.

Por fim, para que os temas consumismo, segregação social, identidade e controle social possam ser ainda mais trabalhados pelo professor com os alunos a partir da temática do shopping center, sugere-se, ao final do documentário, que o grupo debata sobre os demais lugares que frequentam antes ou depois da aula: as pessoas que para lá vão estão geralmente só de passagem ou promovem o estabelecimento de uma identidade nos espaços mencionados? Também se orienta a discutir sobre o papel que o consumo assume em nossa sociedade: como podemos diminuir o impacto alienante da ordem social capitalista? Por último, sugere-se que se conceituem estratos sociais e segregação social e que o professor e os alunos debatam sobre o que acontece nos arredores de sua própria escola. Para sugestões de leitura, segue o livro de Silvana Maria Pintaudi e Heitor Frúgoli Jr (1992), “Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras”; e a já consagrada obra de Jean Baudrillard (1995), “A sociedade do consumo”.

#### **4.2 As praças: não-lugares, lugares antropológicos, atitude blasé e privatização dos espaços públicos**

As praças são mais comumente presentes nas cidades do que os shopping centers, uma vez que independem do fervor comercial característico de certos centros urbanos para existirem. Todos nós podemos observar esses espaços públicos em diferentes pontos da extensão das cidades – desde os bairros mais remotos até o coração delas. Assim, a segunda parte do documentário provoca os alunos: embora as praças possam ser muito semelhantes entre si, as pessoas reservam tratamentos bem diferentes com relação a elas. Como isso acontece?

O vídeo apresenta uma série de entrevistas feitas na Praça 20 de Setembro em Novo Hamburgo, mas que refletem as realidades de muitos outros espaços do tipo: uma entrevistada comenta que passa por lá muito frequentemente, mas que faz uso do lugar apenas como uma passagem em direção a seus destinos. Outros entrevistados têm com aquele espaço uma relação muito especial: os alunos e bolsistas falaram com o proprietário de uma lanchonete que fica no centro da Praça 20 de Setembro: ele comenta as mudanças ocorridas na praça durante as décadas que ali tem trabalhado, da sensação de segurança que ali sente, da influência dos bancos ao redor da praça para a manutenção do lugar e da relação que ele percebe dos frequentadores com aquele espaço. Um senhor sentado sozinho em um banco se emociona ao falar da representatividade da Praça 20 de Setembro para ele: ele vai lá, pois não possui outro lugar para ir. Sem casa, passa as noites em um albergue e os dias na praça. Quando surge um dinheiro, o gasta com bebidas alcoólicas. Ele comenta

sobre sua trajetória: era funcionário de uma grande empresa calçadista em Novo Hamburgo, que quebrou conjuntamente com muitas outras<sup>4</sup>, e desde então não mais conseguiu alocar-se no mercado de trabalho; os eventos a partir daí culminaram em sua situação atual. Alguns outros entrevistados afirmaram que iam à praça para apreciar o contato com a natureza que a mesma proporcionava.

Os alunos e bolsistas puderam perceber, assim, que muitas pessoas, especialmente em zonas bastante urbanizadas, têm a praça como um espaço de passagem; outros, por sua vez, reconhecem nela um significado muito particular. Nos debates relacionados às atividades no shopping center, já se havia apreendido que, quando um indivíduo ou grupo frequenta muito um lugar a ponto de ele se tornar quase um segundo lar, este espaço passa a fazer parte do processo de construção de sua identidade. Esses são, afinal, os lugares antropológicos: neles, se produz um conjunto de relações sociais que privilegiam as dimensões identitárias, relacionais e históricas do convívio entre as pessoas. No lugar antropológico, há um enraizamento profundo da pessoa em um espaço, que reflete uma determinada organização social, política e religiosa do grupo ao qual ela pertence (AUGÉ, 1994). Diferentemente do estrangeiro que, embora se fixando em regiões específicas, permanece vagando pelo mundo sem um lar fixo; o morador do lugar antropológico não apenas trabalha e consome em seu espaço, como também vive nele e o defende.

Oposto ao lugar antropológico, o não-lugar representa as transformações da sociedade que, às vezes, não percebemos na dinâmica do cotidiano. Os não-lugares são aqueles que nos possibilitam fazer mais coisas em menos tempo, como os hipermercados, os centros comerciais, os caixas multibanco, etc. Estes espaços estão associados à mobilidade, à viagem e ao anonimato, pois a industrialização e a urbanização transformam a morfologia da cidade fazendo as pessoas se movimentarem cada vez mais. Elas se tornam, assim, indiferentes a estes lugares, pois eles servem apenas a seus fins individuais (AUGÉ, 1994).

Assim são as praças em muitos centros urbanos: não-lugares. Enquanto passam pelos seus espaços ajardinados e pelas sombras de suas árvores, as pessoas usufruem de um sentimento de grande liberdade na escolha de seu caminho. Enquanto se dirigem ao trabalho, ao banco ou à escola, podem usar o celular para tratar de qualquer assunto ou ainda verificar se receberam um novo e-mail. Em uma praça tornada não-lugar, todos estão em interação uns com os outros; no entanto, todos estão sozinhos. A praça transforma-se, assim, em uma espectadora de um lugar profundamente codificado, do qual ninguém faz verdadeiramente parte. A praça como um não-lugar é um espaço

---

<sup>4</sup> Sobre a crise coureiro-calçadista no Vale do Rio dos Sinos na década de 90, ler dissertação de Becker (2012), “O processo de reestruturação e as mudanças de posicionamento estratégico das empresas da indústria calçadista brasileira no período de 1990 a 2011”. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61933/000866984.pdf?sequence=1>>. Acesso em 20 dez. 2013.

físico que, mesmo estando cheio, está constantemente vazio – pois toda a realidade das dimensões relacionais, históricas e identitárias da sociabilidade humana se passa fora dela.

Augé (1994) lembra, no entanto, que, apesar de os não-lugares permitirem uma maior organização do espaço e um encurtamento do tempo, precisamos ficar atentos ao fato de que eles nem sempre provocam um tipo de sociabilidade marcada pela solidão. Há pessoas que utilizam espaços como lugares de passagem, enquanto outras os transformam em verdadeiros lugares antropológicos. Uma praça assumida como não-lugar por aqueles que passam por ela apenas para alcançar fins outros e exclusivos, pode também ser assumida como lugar antropológico, por exemplo, por aqueles que nela trabalham.

Assim, torna-se pontual questionar: até que ponto somos capazes de nos apercebermos da realidade dos espaços que assumimos como não-lugares? Será que a pontualidade, a contabilidade, a exatidão e a pluralidade de mundos do caráter intelectualístico e econômico monetário da vida nas cidades contemporâneas nos permitem ficar atentos à realidade de forma sensível? Ou será que acabamos permitindo que a atitude blasé, noção lançada e criticada por Simmel (1987), se apodere de nossas percepções frente à distinção das coisas, de forma que as acabemos percebendo como nulas?

A transformação das praças nas cidades acompanha a alteração do espaço público em detrimento do espaço privado. Ao oferecer a tão desejada sensação de segurança, tornar nossas relações dependentes de nosso poder de consumo e estratificar e segregar nossa sociedade, os espaços privados passam a se tornar, cada vez mais, espaços nos quais estabelecemos identidades e construímos histórias. Os espaços públicos, por sua vez, tendem a se tornar cada vez mais marginalizados. Ao tornar estes espaços, livres ao acesso de todos, como menos simbólicos, provocamos também uma perda de nós mesmos enquanto grupo e sociedade, prevalecendo apenas o indivíduo “solitário”, imerso em relações coisificadas e comercializadas.

Ao fim do documentário, são lançadas questões para debate para maior aprofundamento dos temas explorados no vídeo. Neste momento, os alunos são provocados a refletir sobre os lugares antropológicos e não-lugares que percebem nos arredores de sua escola e sobre a realidade social de sua cidade, no sentido de discutir sobre uma percepção sensível pelos cidadãos ou receber deles uma atitude blasé. É sugerido, também, que debatam com o professor sobre a forma como os espaços privados se apropriam dos espaços públicos e as consequências deste processo. Como leituras recomendadas, sugere-se Marc Augé (1994) em sua obra “Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade” e o texto “A metrópole e a vida mental” de Georg Simmel (1987).

### 4.3 A pista de skate: juventude, a ordem no imaginário social, relações e acordos simbólicos de convívio

As pistas públicas de skate fazem parte das chamadas “políticas públicas para a juventude”: um conjunto de experiências de gestão política que deveria contemplar os jovens, sendo construídas com o enfoque ao lazer e à sociabilidade da juventude nos centros urbanos, de modo a trazer a esta população um espaço de lazer que não lhe exija custos e outras premissas, onde ela possa praticar esportes e desenvolver algumas de suas potencialidades. Assim, este espaço, mais do que existir “por si”, cumpre uma função social, servindo ou devendo servir a um interesse público e coletivo. Neste sentido, o papel do Estado é fundamental, pois ele é o agente responsável pelo cumprimento desses interesses, devendo fazer jus ao dinheiro tomado do povo através dos impostos. Não obstante, as experiências e incursões dos alunos e bolsistas na Praça da Dimello denunciaram falhas neste sentido.

O descaso dos agentes públicos com o lugar foi flagrante ao que os alunos e bolsistas se depararam com a própria estrutura física do espaço, comprometida em diversos pontos, com buracos, rachaduras nos obstáculos, acúmulos de poças de água, além de uma enorme quantidade de lixo espalhada nos arredores da pista. Assim, os jovens que frequentam a pista estão divididos entre a possibilidade de um espaço de lazer sem custos, no centro da cidade, e a precariedade da manutenção deste mesmo espaço. O lixo é jogado no chão, não necessariamente porque os jovens não possuem a cultura de cuidado com o local, mas ao contrário, não há espaços apropriados para depositar a sujeira que é produzida – não há lixeiras, tampouco o recolhimento do lixo é realizado pela prefeitura. Além disso, por ser espaço público e aberto, caracterizando-se como ponto de encontro, a pista passa por um processo muito semelhante ao que ocorre em outras praças e parques: passa a ser frequentada por públicos plurais e diversificados, mas que possuem uma identidade com o local e com as outras pessoas que o frequentam, identidade essa que pode ou não vir a se tornar até mesmo um processo de enraizamento, valorização e cuidado com o local e com o outro. Esse processo de valorização fica bem claro nos relatos dos entrevistados e é apresentado no documentário.

Margulis e Urresti (1996) nos lembram que os próprios jovens assumem a responsabilidade renegada pelos gestores de realizar algumas manutenções no local, improvisando concertos nas estruturas da pista e lixeiras. Esse processo faz com que os jovens se tornem, de fato, responsáveis pelo local, não apenas pelo que é da ordem prática e material, mas também por questões relacionadas à sociabilidade. Assim, se os jovens frequentam o local, limpam o local, dão vida e sentido ao local, também acabam por se tornar os legisladores do espaço, definindo, mesmo que de forma tácita, o que se pode e o que não se pode ali. Não é de admirar, portanto, que seja naturalizado o consumo de

drogas ilícitas no espaço em questão, algo que está muito presente no cotidiano da juventude nas sociedades urbanizadas.

Nesse sentido, Maffesoli (1995) aponta vários processos: o público que não frequenta a pista de skate, a partir dessas impressões, cria um discurso marginalizante sobre o local e seus frequentadores, assumindo os pontos que não vão ao encontro de seus interesses – como a sujeira e o consumo de drogas – como as verdadeiras e únicas marcas identitárias que caracterizam o lugar. Há negligência de todos os outros elementos que atraem os jovens para a pista, como o estar junto e a exibição e experimentação de seus talentos e habilidades. Assim, há dois processos: o dos jovens marginalizados, de se reconhecerem enquanto companheiros, praticantes da mesma atividade, com as mesmas ambições e desejos, buscando o prazer no estar com o outro, independentemente de regras e normas pré-estabelecidas pela sociedade do “mundo lá de fora”; e a da sociedade “fora da pista”, que, com horror, enxerga apenas um grupo desorganizado em um lugar igualmente fora de ordem.

Ao final do documentário, os alunos são provocados, a partir de sugestões de questões para debate, a pensar a negligência direcionada a espaços como a Praça (e sua respectiva pista de skate) da Dimello: será que há, também, um estado político de abandono da própria juventude? Será que estas condições dificultam o estabelecimento de relações sociais mais próximas nos espaços em debate? Como os alunos percebem os espaços ao redor de suas próprias escolas? Há, também, sugestões de leitura: Michael Maffesoli (1995) e seu livro “A contemplação do mundo” e a dissertação de Tony Honorato (2005), “A Tribo Skatista e a Instituição Escolar: o poder escolar em uma perspectiva sociológica”. Sugere-se, também, para ainda maior contemplação das temáticas em debate, o livro de Carlos Alberto Mexedor Pereira (1989), “O que é contracultura”.

## 5 Oficinas

O principal objetivo das oficinas foi oportunizar as discussões relacionadas ao processo de construção do documentário, visto que no decorrer desse trabalho aconteceram vários encontros para formulação da fundamentação teórica com a prática vivida pelos alunos nas saídas a campo. Apresentou-se inicialmente para um grupo de monitores das diversas turmas de 1ºs e 2ºs anos o projeto e o papel de cada um como pesquisador na apreensão das imagens, entrevistas e observações nos arredores da escola.

Após a primeira fala, foi realizada uma exposição de fotos na escola do fotógrafo Sebastião Salgado. O acervo foi cedido pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos

Sinos – Unisinos. As fotos pertencentes ao tema “Terra” retratam a realidade social de camponeses sem terra que sobrevivem em acampamentos às margens das rodovias e a sua luta por um pedaço de terra para suas famílias. A partir desse tema, várias outras discussões se formaram dentro do olhar que cada um apreendia das imagens ali expostas. Essa proposta justificou-se na intenção de despertar no aluno o olhar crítico diante temas sociais relevantes como as questões de gênero, desigualdade social, preconceito e muitos outros.

No grupo, havia sempre novos alunos, pois as discussões se estendiam às salas de aula, proporcionando grande envolvimento de todos que se motivavam a participar das saídas para observar, fotografar, entrevistar e gravar. Assim, as práticas trabalhadas foram envolvendo um grupo cada vez maior, além da participação de todo o Ensino Médio nos debates gerados.

Segundo Florestan Fernandes (1980), a realidade não é susceptível de apreensão imediata, e sua produção, para os fins da investigação científica, exige o concurso de atividades intelectuais deveras complexas. Assim, os primeiros debates e os que sucederam surgiam de mentes adolescentes inquietantes na (des)construção do material investigado.

Com a criação de uma página específica de debates e atualizações na rede social Facebook, o PIBID de Sociologia da escola encontrou mais uma possibilidade de registro das várias percepções que cada imagem representou aos alunos. Isso também favoreceu a continuidade do trabalho para além da sala de aula ou da escola.

O processo de reescrita das observações de campo acontecia em momentos de discussão em grupo e muitas vezes com complementações de vídeos e documentários sobre os espaços urbanos, que possibilitavam ao aluno um aprimoramento das questões teórico-críticas relacionadas às suas próprias apreensões, tanto do shopping center, como da Praça 20 de Setembro e da Praça da Dimello. Deste modo, entre as falas, houve maior percepção da necessidade de perceber o espaço a partir do que ele representa e das relações estabelecidas dentro dele. Segundo Magnani (p. 90, 2003),

Não se trata do espaço público em geral – esse espaço é modulado e é preciso treinar o olhar para ver as diferentes formas de apropriação. Dependendo da forma em que se dá essa apropriação, a dinâmica torna-se diferente.

O exercício de reflexão posterior às imagens possibilitava, a cada nova saída de campo, uma maior exploração dos detalhes da vida urbana dentro do contexto local. Segundo Bourdieu (2003, p. 289) citado por Wacquant (2006, p. 23),

Conhece-se melhor o mundo à medida que melhor conhecemos a nós mesmos, que o conhecimento científico e o conhecimento de nós mesmos e da nossa própria inconsciência

social avançam de mãos dadas, e que a experiência primária transformada em e através da prática científica modifica a prática científica e reciprocamente.

As várias abordagens dentro das diversas problematizações geradas durante as oficinas articularam com cada etapa avançada, amadurecendo o pensamento crítico através de atividades nas quais o aluno protagonizasse as experiências vividas de acordo com sua bagagem de conhecimento e suas novas assimilações, tanto individuais como coletivas.

Além do desenvolvimento do projeto em si, fazia-se flagrante uma maior capacidade do aluno em articular todos os dados e informações, desde o início, nos primeiros encontros, até o momento de interpretação e análise com o grande grupo de bolsistas. Isto é, ao longo do processo desenvolvido nas oficinas com os alunos da escola, procurou-se interligar de forma transversal os conhecimentos práticos e teóricos da área de Sociologia visando uma aproximação entre teoria e prática por parte desses. A partir desta articulação, o aluno passou a interagir com uma visão mais crítica, reflexiva e ampliada da realidade social que estava sendo estudada e pesquisada.

## **6 Considerações finais**

A experiência do PIBID Sociologia com o uso de recursos visuais enquanto ferramenta pedagógica buscou uma prática docente através da promoção da autonomia do aluno e da construção do conhecimento. Durante o ano de desenvolvimento do projeto, iniciado em 2013, foi possível construir, além de uma amplitude no entendimento da Sociologia e da Antropologia Visual aos alunos que participaram passo a passo dessa construção, um recurso a mais para as aulas de Sociologia, potencializando as vertentes que se abrem para análises e discussões sobre a realidade social urbana. Os alunos e alunas participaram livremente e amplamente dos estudos sobre os espaços nos quais estão inseridos e na discussão dos materiais trabalhados nos mais diversos momentos de problematizações relacionadas às múltiplas atividades do projeto. Graduandos de Ciências Sociais e estudantes do Ensino Médio elaboraram juntos os planos, o levantamento de dados, a elaboração de relatórios e o acervo de imagens e de vídeos, fazendo com que as potencialidades do raciocínio sociológico e da imaginação sociológica fossem regatadas em todas as instâncias de trabalho e de discussão pelos sujeitos envolvidos. Fundamentais ao alcance dos objetivos do projeto, as fotografias e documentários produzidos no PIBID em questão promoveram o estranhamento e a desnaturalização das realidades sociais aos estudantes de graduação e do Ensino Médio. A partir do diálogo entre temas, noções e teorias que são próprias das Ciências Sociais, construiu-se, junto ao

estudante adolescente, um pensar sociológico para a intervenção nos processos sociais. Segundo Martins (2013), há possibilidades a explorar e diálogos a incentivar ao que as Ciências Sociais façam mais uso do recurso das imagens para produzir novos conhecimentos e novas representações sobre sociedades, culturas, grupos e indivíduos.

É importante que o aluno desenvolva competências que o permitam traduzir o espaço social urbano não apenas como um campo onde se travam relações de poder, de trabalho e de lazer, mas que também compreenda o vibrar em comum, o sentir em uníssono, o experimentar coletivamente, enfim, tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, de se sentir em casa neste mundo (MAFFESOLI, 2003). A partir do olhar crítico e sensível, as imagens ganham valores e estão relacionadas com as identidades a elas atribuídas, fazendo com que as aulas de Sociologia sejam muito mais criativas dentro de um espaço pedagógico onde tudo se torna possível, basta que o aluno possa se reconhecer nesse processo.

### Referências Bibliográficas

- AUGE, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BECKER, Howard. *A escola de Chicago*. *Mana* 2(2):177-188, 1996.
- BRASIL, LDB. *Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em: Jan 2015..
- BOURDIEU, Pierre et al. *Lições da Aula*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1988.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
- CAPES. PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 26 nov. 2013.
- FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. Ed. 4.TA Queiroz. 1980.
- GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: A Interpretação das Culturas. 1ed. 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HONORATO, Tony. *A Tribo Skatista e a Instituição Escolar: o poder escolar em uma perspectiva sociológica*. Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba: 2005.

MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.

MAGNANI, José Guilherme C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*. São Paulo: v.15 n.1. Apr. 2003.

\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: v.17 n.49, jun. 2002.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventudes más que una palabra. In: Margulis, M. (org.). *La juventudes Más Que una Palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTINS, Humberto. Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo. In: *Etnográfica*, vol. 17 (2), 2013.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MIRZOEFF, Nicholas. La cultura visual contemporânea: política y pedagogía para este tiempo. Entrevistadora: Inês Duessel. *Revista Propuesta Educativa*, n. 31, Año 17, junho de 2008. Disponível em: <<http://www.propuestaeducativa.flacso.org.ar/archivos/entrevistas/31.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2013.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. *Imagem e conhecimento: a educação do olhar no ensino de Sociologia no Ensino Médio*. 2010, 91f. Monografia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PINTAUDI, Silvana Maria; FRÚGOLI JR., Heitor (orgs.). *Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

ROUANET, Sérgio Paulo. O Olhar iluminista. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Ângelo. A modernidade invade as cidades: os shopping centers e as mudanças do urbano. In: *Sociologia Urbana: a segregação social, o que leva à fragilização das redes de relações sociais*. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4a.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, n. 26, pp.13-29, 2006.

WHYTE, William Foote. *La sociedad de las esquinas*. México: Diana, 1971. 428 p.